

## ESCREVIVÊNCIA - A ESCRITA DAS MULHERES NEGRAS: REFLEXÕES PRELIMINARES

Thaísa Silva Martins  
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/Universidade Federal de Juiz de Fora.  
thaisa19.martins@gmail.com

*Simpósio Temático nº ST 43: Escrivivências E Memória: A Produção Artística Feminina Como Forma De Conhecimento Marginal E Construção De Memória Coletiva.*

### Resumo

Este artigo objetiva discutir o estudo do termo *escrevivência*. Este foi criado por Conceição Evaristo, em 1995, em sua dissertação de mestrado. É um conceito que, por se conectar, necessariamente, com a vida, como aparece na estrutura desta palavra, é dinâmico, ainda que tenha uma direção e um sentido, não sendo, portanto, qualquer tipo de escrita, ou meramente voltado ao sujeito individualizado que escreve, conforme a referida autora. Esta nos mostra que a *escrevivência*, em sua concepção inicial, se expressa como um ato de escrita das mulheres negras que vem romper com o apagamento imposto aos seus corpos e às suas vozes, ao longo da história. Afinal, o Brasil vivenciou quase quatrocentos anos de escravização do povo negro, e a *escrevivência* vem, como uma das formas, para enfrentar todo o potencial que foi negado, e que reflete no contexto contemporâneo. O interesse por desenvolver estas reflexões encontra-se fundamentado no desenvolvimento de nossas atividades como mediadora do Projeto Nacional “Leia Mulheres”, clube de Araçuaí-MG, e da nossa inserção no doutorado em Serviço Social como pesquisadora do tema relações de gênero, raça e trabalho, dialogando com a escrita das mulheres do Vale do Jequitinhonha/MG, na qual se encontra a minha própria. O referencial teórico ancora-se na recente aproximação com a perspectiva decolonial. E como resultados, observa-se que, pensar a *escrevivência* é compreender como algumas identidades são desvalorizadas em comparação com outras, uma vez que o conceito de humanidade, historicamente, se conectou aos homens brancos.

**Palavras-chave:** Escrivivência, Escrita, Mulheres Negras

### Abstract

This article aims to discuss the study of the term *escrevivência*.<sup>1</sup> This was created by Conceição Evaristo, in 1995, in her master's thesis. It is a concept that, as it necessarily connects with life, as it appears in the structure of this word, is dynamic, even though it has a direction and a meaning, and is not, therefore, any type of writing, or merely aimed at the individualized subject. who writes, according to the aforementioned author. This shows us that *escrevivência*, in its initial conception, is expressed as an act of writing by black women that comes to break with the erasure imposed on their bodies and voices throughout history. After all, Brazil has experienced nearly four hundred years of enslavement of black people, and *escrevivência* comes, as one of the ways, to face up to all the potential that was denied, and that reflects in the contemporary context. The interest in developing these reflections is based on the development of our activities as a mediator of the National Project “Read Women”, club in Araçuaí-MG, and our inclusion in the doctorate in Social Work as a

researcher on gender relations, race and work, dialoguing with the writing of women from Vale do Jequitinhonha/MG, in which is my own. The theoretical framework is anchored in our recent approach to the decolonial perspective. And as a result, it is observed that thinking about writing is to understand how some identities are devalued compared to others, since the concept of humanity, historically, was connected to white men.

**Keywords:** *escrivivência*, Writing, Black Women.

## Introdução

Conforme o livro *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*,<sup>ii</sup> este termo foi cunhado pela referida autora em 1995, em sua dissertação de mestrado e se encontra como objeto de estudo de profissionais de diversas áreas, sendo discutido tanto nacional como internacionalmente (NUNES, 2020). Este livro abarca pesquisas no âmbito da comunicação, literatura, educação etc.

O presente artigo está voltado para a discussão do referido termo, trazendo elementos sobre o seu surgimento, significado e conexão com a escrita das mulheres negras, na qual também se situa a minha, como autora deste artigo.<sup>iii</sup>

Aqui estão reflexões preliminares sobre a *escrivivência*, indicando recente aproximação com tal temática de estudo, associada ao meu processo, também recente, de reconhecimento como uma mulher negra.

A partir do contato com o referido termo, torna-se possível constatar que a nossa subjetividade não se separa da nossa escrita, pois além de não existir uma escrita neutra, a dimensão da individualidade, enquanto construto social, não se separa da nossa ação e, ao mesmo tempo, a nossa individualidade se constrói a partir dessa ação. Por isso, torna-se necessário destacar de que a escrita, que ora se sucede neste texto, está acompanhada de um intenso processo de autoconhecimento, pois aqui está uma mulher negra, do Vale do Jequitinhonha,<sup>iv</sup> que escreve e que, recentemente, percebeu as infinitas possibilidades de escrita, que podem se dar, também, para além da esfera acadêmica, a qual sempre lhe atravessou. Embora esta esfera tenha suas inúmeras potencialidades, traz aspectos que merecem ser questionados e enfrentados, como será demonstrado neste artigo

As motivações para o estudo ora apresentado encontram-se fundamentadas no desenvolvimento das atividades como mediadora do projeto nacional Leia Mulheres, clube de Araçuaí-MG, desde 2019, e da inserção no doutorado em Serviço Social, a partir de 2020, sendo, atualmente, pesquisadora do tema relações de gênero, com foco nas mulheres inseridas no Vale do Jequitinhonha-MG.

O referido projeto nacional surgiu, no Brasil, em 2015, na cidade de São Paulo, através de Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques e está vinculado à proposta da escritora inglesa Joanna Walsh, que teve uma iniciativa, em redes sociais da internet, simbolizada na *hashtag* #readwomen2014 (#leiamulheres2014).

O projeto Leia Mulheres objetiva a leitura de mais escritoras, tendo em vista o mercado editorial ainda ser muito restrito e não possibilitar às mulheres o mesmo espaço dedicado aos homens. Os clubes são orientados pela coordenação nacional, clube de São Paulo-SP, a se reunirem uma vez por mês para discutir – de forma descontraída e não necessariamente acadêmica – algum livro de autoria feminina que deve ser lido previamente.

O Leia Mulheres está presente em cerca de 160 cidades brasileiras, tendo, também, um clube em Portugal, Alemanha e Suíça. A mediação é realizada por mulheres, mas os clubes são abertos para qualquer pessoa participar, inclusive, em nosso clube de Araçuaí-MG, temos companheiros que contribuem com os debates e articulações. Lê-se as obras de autoras de qualquer nacionalidade e gênero literário, afinal, mulher escreve sobre tudo, embora os fundamentos sexistas da nossa sociedade, alicerçados no patriarcado,<sup>v</sup> tenham nos ensinado que a literatura escrita por homens, sobretudo, brancos, é a universal, conforme Ribeiro (2018).

Ainda, a fim de introduzir este artigo, é importante destacar que o sistema capitalista, no qual vivemos, é movido para atender interesses de um grupo específico, dominante, e não para contemplar os interesses de todas as pessoas que compõe esta sociabilidade. Dessa maneira, não há como enfrentar as desigualdades inerentes a esta sociabilidade, expressas de diversas formas, entre homens e mulheres, pretos e brancos, etc. sem entender as individualidades construídas neste processo.

Por isso, cabe destacar que, no Brasil, o corpo negro tem sido, durante séculos, violado em sua integridade, o que leva e sempre levou ao povo negro desenvolver formas de resistência que estão expressas na formação do nosso país, por meio da dança, da música, da culinária, da religião e, também, da escrita. Vejamos, então, a partir de agora, a relação disso com as mulheres negras, conectando, ao mesmo tempo com os processos desta autora, negra, que agora escreve.

### **Escrevivência: uma escrita negra feminina**

Apesar de lidar com séculos de apagamento e perseguição dos seus corpos, nós, mulheres negras, sempre escrevemos, embora o mercado editorial há pouco tempo tenha se ampliado, para este público.<sup>vi</sup>

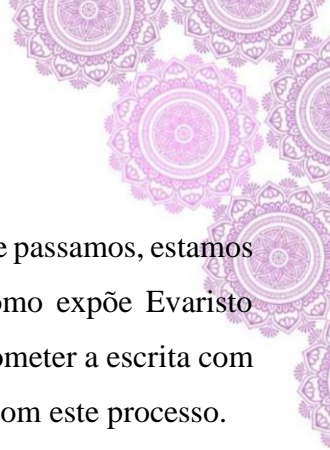


Maria Firmina dos Reis, por exemplo, com o seu romance “Úrsula”, foi a primeira romancista e a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil, em 1859 (EVARISTO, 2009). Sua imagem, inclusive, foi historicamente confundida com uma escritora branca, a gaúcha Maria Benedita Borman. Maria Firmina nasceu em 1882, na ilha de São Luís (MA), começou a estudar de forma autodidata, vindo a ser a primeira professora concursada do Estado do Maranhão, com 25 anos de idade, e falecendo em 1917, no município de Guimarães, conforme explica Arraes (2017).

Carolina Maria de Jesus, outro exemplo, se encontra como a mais destacada escritora negra da escrita literária no Brasil e, recentemente, recebeu o título de Doutora Honoris Causa da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Esta autora é mineira, nasceu na cidade de Sacramento, em 1914, vindo a falecer em São Paulo-SP, no dia 13 de fevereiro de 1977. No seu primeiro livro publicado, o célebre *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina narra em forma de diário o seu cotidiano na constante busca pela sobrevivência na favela, por meio de uma linguagem simples, direta, comovente e com um extremo realismo que toca quem a lê. Observamos as marcas da violência, do alcoolismo, da negligência do poder estatal e do constante descaso da política brasileira, naquele contexto.

Ao mesmo tempo, na referida obra, observa-se uma mulher negra, escritora, leitora e que apesar de ter frequentado a escola regular por apenas 2 anos, é uma intelectual brasileira, que deve ser lida para além da favela. Ler Carolina nos faz pensar, inclusive, que, mesmo após 61 anos da primeira publicação desta sua obra, vários quartos de despejos estão sendo e podem vir a ser reescritos no Brasil. Afinal, atualmente, vivenciamos no território brasileiro um terreno extremamente fértil de proliferação do neoconservadorismo, favorável ao discurso de um patriotismo agressivo e fanático, que despreza a diversidade social deste país, e que, além de incitar e facilitar a compra de armas pela população,<sup>vii</sup> se ancora no racismo e na misoginia.

Quando se observa que, segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE, divulgada em setembro de 2020, 10,3 milhões de brasileiros/as passavam fome durante o levantamento – não incluindo pessoas em situação de rua, vê-se que, realmente, estamos diante de um cenário perverso, sobretudo, quando pensamos o atual contexto da pandemia do Coronavírus, a partir de março de 2020. De acordo com o Portal ONU Mulheres, a COVID-19 se mostra mais mortal entre pessoas negras, segundo as categorias identificadas pelo IBGE e pelo Sistema Único de Saúde. Somos, ainda, a maior parte da força de trabalho empobrecida no Brasil e temos menos acesso ao saneamento adequado e a segurança alimentar, o que leva, inclusive, à necessidade de refletirmos sobre as nossas diversas formas de enfrentamento a este sistema.



Nós, negros/as/es, quando escrevemos, estamos pondo para fora tudo o que passamos, estamos denunciando, resistindo, enfrentando e, fazendo valer a nossa voz. Afinal, como expõe Evaristo (2007) “[...] É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? [...]” (p.1). A discussão sobre o significado de *escrevivência* se imbrica com este processo.

Por isso, já que a escrita deste artigo não se separa da minha condição como mulher negra, destaco que me encontro neste compromisso de se comprometer com a escrita e, ao mesmo tempo, comprometê-la com a vida.

No processo de construção do seu livro *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba, em sua tese de doutoramento, afirma que não havia nada mais urgente para ela do que sair, para aprender uma nova linguagem, ao situar a sua condição de anos enquanto a única estudante negra da sua faculdade. Peço permissão à autora para usar o verbo *sair*, no contexto no qual ela afirma, para simbolizar a minha saída, de uma área de estudos, a qual me concentrei durante 12 anos da minha vida.

No livro citado, a referida autora menciona que se via na necessidade de encontrar um novo vocábulo, no qual pudesse finalmente se encontrar, sendo ela mesma. Isto me faz pensar que, hoje, posso afirmar que entrar na área da literatura, e, conseqüentemente, estudar sobre *escrevivência* me permitiu ser *Eu* e, portanto, colocar a minha escrita como objeto de estudo e problematização.

Observo que, no universo acadêmico, existe a ideia de que os nossos escritos tenham que ser sempre moldados no *Outro*,<sup>viii</sup> seja esse *Outro* o “marxista”, o “weberiano”, o “durkheimiano”<sup>ix</sup> etc. e cadê “a gente” neste processo? Cadê o Eu? O meu processo, a minha escrita, a minha vivência coletiva?! Considero que é possível produzir com originalidade, assumindo os denominados referenciais teóricos, mas acredito ser pertinente suspendê-los para conectar com o processo da *escrevivência*, que atravessa o objeto de estudo deste trabalho.

Embora aqui se trate de reflexões preliminares sobre a *escrevivência*, compreendo que este termo não é fechado. É um conceito que, por se conectar, com a nossa vivência, está imerso em um dinamismo, ainda que tenha uma direção e um sentido, não sendo pertinente, portanto, defini-lo como qualquer tipo de escrita.

Considero necessário destacar a sua relação intrínseca com a experiência de vida das mulheres negras, o que indica a sua conexão com o objeto deste artigo. A referida relação pode ser explicitada com as palavras da própria autora, Conceição Evaristo, que cunhou o termo:

[...] *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. [...] (EVARISTO, 2020, p.30, grifo meu).

Embora as mulheres negras possam escrever sobre tudo, como qualquer outro ser humano, a nossa escrita, também, possa ser compreendida como um enfrentamento às opressões, a partir da direção posta por Conceição Evaristo, acerca do referido termo. Pois o mesmo “[...] extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. [...]. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. [...]”. (EVARISTO, 2020, p. 38, grifos meus).

O texto da referida autora, *Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento da minha escrita*, Evaristo (2007) expressa o símbolo da criação da *escrevivência*, a partir da mãe-preta escravizada, na qual a autora se situa, também como sua, por se identificar no processo indissociável de escrita e vivência. Na descrição posta pela autora, a mãe lavadeira, que cuida das roupas da casa grande, desenha o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, num gesto em que corpo e escrita se comungam.

Por isso, o referencial teórico deste artigo parte da contribuição de uma aproximação à corrente teórico-metodológica decolonial. Isto se dá uma vez que, a partir da leitura de Quijano (2005), pode-se afirmar que *raça e identidade racial* foram estabelecidas como instrumentos de classificação social indissociável do processo de colonização que enfrentamos, enquanto continente americano, e que esteve calcado em processos de colonialidade do poder. Logo, a escrita das mulheres negras não pode ser dissociada desse processo.

Por isso, peço licença para destacar que sou grata a Ribeiro (2018) por, no ensaio autobiográfico expresso em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?*, ter me mostrado que o que eu passei, durante a infância na escola, não era brincadeira, ou mesmo, *bullying*. O que eu passei foi racismo. Ser segredada de espaços por ter cabelo crespo não é simplesmente briguinha de colegas. E continuar a ser alvo de chacotas quando o alisava – se rendendo a “máscara” imposta por este sistema –, é algo que é traumático, e que inclusive reforça a necessidade dos estudos sobre racismo e saúde mental.<sup>x</sup>

Tal situação tem mais de 20 anos, mas aparece, grita e ressoa, assim como a emoção do coração gelado ao ser escalada para representar, em 1998, aos 8 anos, a tia Anastácia na encenação

escolar do *Sítio do Pica Pau Amarelo* (Monteiro Lobato) e ser obrigada a praticar Black face.<sup>xi</sup> E é incrível como a direção da instituição, fechada em seus moldes religiosos, negligenciava esses processos. Hoje, penso o quanto isso influenciou em meu bem estar e interferiu, até mesmo, nos meus rendimentos nas aulas de educação física, contribuindo para que o sedentarismo me acompanhasse durante grande parte da minha vida.

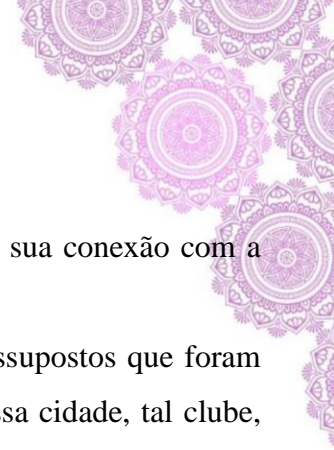
O racismo vivenciado, de alguma forma, me levou a crer que eu precisava compensar o que eu não tinha com as notas excelentes e considero que isso contribuiu para que eu fixasse em minha mente que obter um nível de rendimento de excelência durante toda a trajetória profissional era “sagrado”, sem, sequer, questionar que tipo de ensino é este e toda a construção social que o envolve. E isso favoreceu para que com a entrada na graduação e no mestrado, eu não me questionasse o que realmente eu gosto de ler, escrever, produzir e etc. A vida se desenrolou na busca da perfeição de alguém que não se questionava se aquele caminho era realmente o seu. Isso se torna um “prato cheio” para se moldar a partir de referenciais externos que, a meu ver, são típicos da estrutura acadêmica.

Então comunga-se com Evaristo (2020) quando afirma que a escrita nasceu para ela como procura de entendimento da vida, que é o que se conecta com que ora expressei. Afinal, como falar de *escrivivências* de mulheres negras, sendo uma delas, desconsiderando as nossas vivências? Se a própria autora que cunhou o termo expressa tal processo, sinto-me a vontade para compartilhar sobre isso, também. Vejamos o que a referida autora expressa sobre tal reflexão:

[...] Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. *Escrivivência* nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência [EVARISTO, 2020, p.34, grifo meu].

É por isso que se torna indissociável deste texto trazer a experiência de quem escreve, afinal, o discurso de nós, pesquisadores/as/ negros/as vem “[...] frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético [...]” (KILOMBA, 2020, p.59).

Em seu texto, *Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento da minha escrita* (Evaristo, 2007), é muito simbólico perceber a escrita para além da academia, para além, inclusive da alfabetização, como algo amplo, maior, que envolve a resistência de nós, negros. É por



isso que o termo *escrevivência* não se fecha, pois fazer isso é desconsiderar a sua conexão com a experiência vivida.

Em minha proposta de pesquisa para o doutorado, parto de alguns pressupostos que foram surgindo a partir do contato com o Leia Mulheres Araçuaí-MG. Aqui, em nossa cidade, tal clube, como eu já mencionei, iniciou em 2019. Nestes dois anos e meio de existência temos muito a comemorar: ganhamos uma projeção incrível no vale do Jequitinhonha, atraindo cada vez mais participantes de todas as partes do Brasil, o número de mediadoras e coordenadoras cresceu de uma forma significativa, e temos procurado fortalecer a interlocução com as escritoras do Vale do Jequitinhonha. Por isso, lançamos a série “Nossas Autoras” em nossa rede social, o que me possibilitou entrar em contato direto com a escrita das mulheres do Vale. Isto me proporcionou ter uma coluna semanal em um *blog* de um historiador da nossa região,<sup>xii</sup> além de ter favorecido para que eu pudesse compor o Movimento dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha, quebrando o medo de falar dos meus processos com a escrita, ao vivo, em rede social.<sup>xiii</sup>

Tudo isso auxiliou para que eu me questionasse sobre a escrita das mulheres do Vale: Como as escritoras se autodeclaram? Caso se vejam como negras, qual a relação da sua escrita com as suas vivências enquanto mulheres negras? Qual a relação disso com os processos de organização cultural e política na região? E com o trabalho? A *escrevivência*, em algum momento, se conecta com a escrita acadêmica?

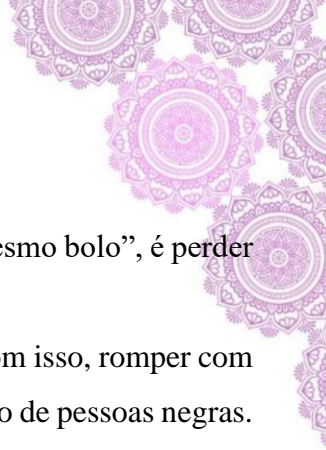
Isto posto, objetivo analisar a produção e a trajetória das escritoras negras do Vale do Jequitinhonha, que utilizam a escrita como uma estratégia de enfrentamento diante da sua vivência.

Portanto, decorre-se a importância de reforçar que a nossa subjetividade não se separa da nossa escrita. Assim, se é para falar de nós, que exerçamos a nossa *escrevivência*, o que tenho tentado, neste processo – no qual envolve este artigo –, como uma mulher negra.

As nossas escritas, embora possam ser compreendidas como um enfrentamento às opressões, não nos prende em um determinado lugar, pois podemos escrever sobre tudo, como qualquer outra pessoa. Então, é necessário alertar para a reflexão de que ao mesmo tempo em que é pertinente que destacamos a literatura negra de autoria feminina, porque ela tem esta marca, que, pode ser, inclusive, carregada de *escrevivência*, é importante que não façamos isso compreendendo que existe uma “literatura universal”, que como se sabe, esteve ancorada nos homens brancos.

Se a maioria da população brasileira é negra, 56,10%, (IBGE, 2020), e tendo em vista que a formação sócio-histórica deste país nos revela que convivemos com quase quatro séculos de





escravização desta população, colocar a escrita e ação do povo negro tudo no “mesmo bolo”, é perder de vista a totalidade da constituição deste país.

É importante entender que o sentido da *escrevivência* vem para romper com isso, romper com a ideia de se estipular e determinar que somente certos locais, visões e escritas, são de pessoas negras. Podemos escrever, falar de tudo, produzir ciência sobre tudo, por isso o termo não se fecha, por isso ele vem para acolher e não segregar.

### Considerações finais

O presente artigo objetivou discutir termo *escrevivência*, trazendo elementos preliminares que pudessem conectar com as com a escrita das mulheres negras, nas quais, também se situa a minha.

A fim de concluir as reflexões postas aqui, considero pertinente destacar que ao rememorar a luta por igualdade racial, além de reconhecer o líder quilombola Zumbi dos Palmares, que reconheçamos, também, a sua parceira, a Dandara. Como afirma Jarid Arraes, em “Heroínas Negras Brasileiras”, ainda há poucos dados sobre a vida desta lutadora, não tendo a confirmação se ela nasceu no Brasil ou em alguma parte do continente Africano. Morreu em 1694, jogando-se de uma pedreira, para não voltar a condição de escravizada. Ainda é tida como se fosse uma lenda e não tivesse existido de fato, o que nos coloca a necessidade de, como mulheres negras, aclamemos o seu legado.

Dessa maneira, desejo que cada vez mais possamos ressaltar a contribuição que nós damos para este país. E que destaquemos o que afirma de Evaristo (2007): “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (p.2, grifo meu). Este termo vem para trazer transformação. E é por isso que aqui estamos.

### Citações e referências

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras**: em 15 cordéis. 1ª edição, São Paulo: Seguinte: 2020

EVARISTO, Conceição. “**Da grafia desenho de minha mãe** – um dos lugares de nascimento de minha escrita.” In: ALEXANDRE, Marco. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte, Maza Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

\_\_\_\_\_. A *Escrevivência* e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.).

**Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Ubu Editora, 2020.

IBGE. **Dados estatísticos do Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 19 dezembro 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

- LUDEMIR, Júlio (org.). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras, 1ª edição, Rio de Janeiro: Bazar do tempo: Flup, 2021.
- NUNES, Isabela R. Sobre o que nos move. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- MARTINS, Thaisa S. **Entrevista no TOMANDO CONHECIMENTO**: canal dos poetas e escritores do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=poJAKKwaBE4&t=4364s>. Ao ar em 18/06/2021.
- \_\_\_\_\_. **Escrevivendo - Afinal, o que é ESCREVVIVÊNCIA?** Disponível em: <https://espacolivre-jopinto.blogspot.com/2021/08/escrevivendo-afinal-o-que-e.html>. Acesso em 02/12/2021.
- ONU MULHERES. **Mulheres Negras e Covid-19**. Informe v2 15.10.2020. Incorporando mulheres e meninas na resposta à pandemia de covid-19. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/COVID19\\_2020\\_informe2.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/12/COVID19_2020_informe2.pdf). Acesso em 20/11/2020.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular: 2015.
- SILVA, V. J. da. O presente vivido e o futuro pensado: condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. 2013. 209f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em 02/12/2021.

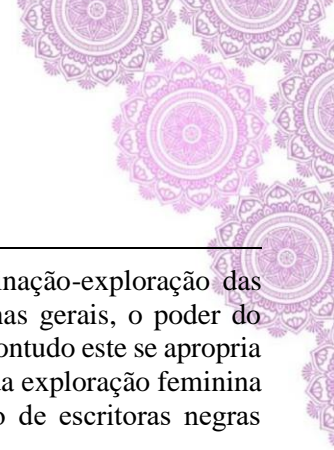
---

<sup>i</sup> Foi feita a escolha de deixar o termo *escrevivência* exatamente como é, em língua portuguesa, uma vez que trata de um termo criado pela autora Conceição Evaristo. O que leva a identificar que a sua passagem para outra língua não mantém o sentido proposta pela autora.

<sup>ii</sup> Esta grande expressão da cena literária brasileira é natural de Belo Horizonte/ MG. Nasceu em 1946. É graduada em Letras pela UFRJ (1970), tem mestrado pela PUC-Rio (1996) e doutorado na UFRJ (2011). Trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital do RJ. Suas principais obras publicadas são: *Ponciá Vicêncio* (romance, 2003), *Becos da Memória* (romance, 2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (poesia, 2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos, 2011), *Olhos d'água* (contos, 2014), *Histórias de leves enganos e parencas* (contos e novela, 2016) e *Canção para ninar menino grande* (romance, 2018). Apesar de seu primeiro livro publicado ser *Ponciá*, na apresentação de *Becos*, a autora afirma que *Becos da Memória* foi o seu primeiro experimento em construir um texto ficcional, que se mescla na escrita e na vivência. Um ensaio, segundo ela, quase inconsciente de *escrevivência*, que só foi publicado quase 20 anos depois, o que não está descolado da luta da mulher negra em se afirmar no mercado editorial brasileiro.

<sup>iii</sup> Dada a liberdade colocada pela construção deste evento, darei a liberdade de escrever o texto ora em 1º pessoal do singular, ora em 3º do singular.

<sup>iv</sup> O vale do Jequitinhonha é banhado pelo rio que leva o mesmo nome, ocupando uma área de 50.137,63Km<sup>2</sup> com cinco microrregiões, 51 municípios, sendo, inclusive, subdivido em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. O referido vale ainda possui Índice de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM) igual a 0,65 e uma população de 699.413 habitantes, com 50,03% na área urbana e 40,97% na área rural (SILVA, 2013). Trata-se de uma região de muito cultura popular e marcada pela agricultura familiar.



<sup>v</sup> Como afirma Saffioti (2015), patriarcado é o regime que tem como base a dominação-exploração das mulheres pelos homens. Trata-se de uma categoria complexa, que expressa, em linhas gerais, o poder do homem construído em detrimento ao da mulher. Este regime é anterior ao capitalismo, contudo este se apropria do patriarcado para legitimação da desigualdade entre as classes, sobretudo, por meio da exploração feminina

<sup>vi</sup> Isto pode ser comprovado ao ter contato com a obra “Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras”, lançada recentemente pela Bazar do Tempo: Flup, 2021.

<sup>vii</sup> Tais elementos estão calcados sobremaneira na vitória nas urnas eleitorais, em 2018, de um projeto ultraliberal, de extrema direita, que dialoga com o Fascismo.

<sup>viii</sup> Gostaria de agradecer ao Fanon (2020) por me possibilitar compreender como a sociedade branca patriarcal impõe poder sobre nossas identidades. O referido autor me ajudou a perceber que o meu processo tardio de reconhecimento enquanto mulher negra esteve conectado com o julgamento a partir do referencial branco, que avilta as identidades negras, impondo a elas a inexistência. Afinal, ainda que mais da metade da população brasileira seja negra, é extremamente comum, inclusive em meu meio familiar, as pessoas inventarem inúmeras nomenclaturas para fugirem da sua condição enquanto negras.

<sup>ix</sup> Me refiro a Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920) e Émile Durkheim (1858-1917), autores clássicos das ciências sociais, que marcaram o século XIX.

<sup>x</sup> Para isso, considera-se pertinente a leitura de Fanon (2020), referência para tal debate no âmbito da psicanálise.

<sup>xi</sup> Quanto ao assunto, sugiro o artigo “Mulher negra não é fantasia de Carnaval” de Ribeiro (2018). Neste texto, a autora remonta o contexto e a história do *blackface*. A prática começou quando os homens brancos se faziam de homens negros, escravos ou livres, durante a era dos shows dos menestréis (1830-90), o que contribuiu para a perpetuação do racismo através de estereótipos que promoviam a ridicularização das pessoas negras, utilizando nossos traços como adereços de fantasias. No mesmo livro, a referida autora traz a informação de que uma companhia teatral, em 2015, encenaria uma peça com esta proposta e, por conta da militância que denunciou o racismo explicitado, a peça não foi ao ar.

Hoje, penso que, para me fazerem passar pela Tia Anastácia, não precisam se valer de nada, muito menos de práticas racistas. Os meus traços falam por si. Não ser de pele retinta não me faz menos negra e muito menos será uma ridicularização que me colocará em tal patamar

<sup>xii</sup> Dentre os publicados, convido para acessar: EscreVIVENDO - Afinal, o que é ESCREVIVÊNCIA? Disponível em: <https://espaolivre-jopinto.blogspot.com/2021/08/escrevivendo-afinal-o-que-e.html>. Acesso em 02/12/2021.

<sup>xiii</sup> Convido para acessar: MARTINS, Thaisa S. Entrevista no TOMANDO CONHECIMENTO: canal dos poetas e escritores do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=poJAKKwaBE4&t=4364s>. Ao ar em 18/06/2021.